Perspectivas & Diálogos: Revista de história social e práticas de ensino
ISSN 2595-6361, v. 8, n. 16 – 2025
DCH – UNEB / *campus* VI

Dossiê Temático

A ARQUITETURA DO SANTUÁRIO DE APOLO EM TOUMBALLOS, NEA PAPHOS. ANÁLISE DOS DADOS E PROPOSTAS DE LEITURA

THE ARCHITECTURE OF THE SANCTUARY OF APOLLO AT TOUMBALLOS, NEA PAPHOS. DATA ANALYSIS AND INTERPRETATIVE PROPOSALS

LA ARQUITECTURA DEL SANTUARIO DE APOLO EN TOUMBALLOS, NEA PAPHOS. ANÁLISIS DE LOS DATOS Y PROPUESTAS DE INTERPRETACIÓN

Elvia Giudice
Università di Catania, Italia
elvia.giudice@unict.it
ORCID: 0009-0000-4538-0906

Giada Giudice
Università di Catania, Italia
giada.giudice26@gmail.com
ORCID: 0009-0005-7424-4096

Leonardo Fuduli
Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, Brasil
leonardo.fuduli@usp.br
ORCID: 0000-0002-1731-1732

Resumo:
O santuário hipogeu de Toumballos, localizado no setor noroeste de Nea Paphos, constitui um dos contextos arqueológicos mais complexos e menos compreendidos de Chipre helenístico e romano. Escavado inicialmente na década de 1950 segundo critérios não estratigráficos, o complexo permaneceu por décadas envolto em incertezas interpretativas quanto à sua cronologia, função e identificação cultual. A retomada das investigações pela Missão Arqueológica da Universidade de Catânia, a partir de 1988, permitiu uma reavaliação sistemática do contexto topográfico, arquitetônico e histórico do sítio, trazendo à luz novos dados fundamentais, como o monumental dromos de acesso, estruturas anexas de caráter funcional e ritual, e a estreita relação entre o santuário pagão e uma basílica paleocristã edificada no final do século IV d.C. O presente artigo propõe uma análise integrada do complexo de Toumballos, combinando a leitura crítica da documentação arqueológica com a discussão historiográfica desenvolvida nas últimas décadas. A partir do estudo da arquitetura hipogeia, da organização espacial do santuário e de seus paralelos no Mediterrâneo oriental, defende-se a interpretação do sítio como um espaço cultual de caráter essencialmente ctônio e mistérico. Nesse quadro, a atribuição tradicional do santuário a Apolo é reinterpretada à luz de uma concepção apolínea subterrânea, associada a rituais de iniciação, experiências sensoarquriais controladas e possíveis funções oraculares. Particular atenção é dedicada às fases tardoantigas do complexo, quando o abandono dos cultos pagãos, os terremotos do século IV d.C. e a cristianização da cidade conduziram à reapropriação simbólica do espaço por meio da construção de uma basílica paleocristã. A reutilização das estruturas hipogeias e de numerosos elementos arquitetônicos do santuário evidencia uma continuidade simbólica entre práticas religiosas pagãs e cristãs, revelando os mecanismos de ressignificação da memória do

Recebido: 26 de agosto de 2025
Aprovado: 13 de março de 2026
Publicado: 28 de março de 2026

lugar na Antiguidade Tardia. O estudo de Toumballos contribui, assim, para uma compreensão mais ampla das dinâmicas de transformação dos espaços sagrados no Mediterrâneo oriental, ressaltando o papel da arquitetura, do ritual e da longa duração na construção das paisagens religiosas antigas.
Palavras-chave: Nea Paphos; Toumballos; santuário hipogeu; Apolo ctônio; cultos mistéricos; cristianização; Antiguidade Tardia.

Abstract:
The hypogean sanctuary of Toumballos, located in the north-western sector of Nea Paphos, represents one of the most complex and least understood archaeological contexts of Hellenistic and Roman Cyprus. Initially excavated in the 1950s according to non-stratigraphic criteria, the complex remained for decades surrounded by interpretative uncertainties regarding its chronology, function, and cultic attribution. The resumption of research by the Archaeological Mission of the University of Catania from 1988 onwards has made it possible to reassess systematically the topographical, architectural, and historical context of the site, bringing to light crucial new evidence, including the monumental access dromos, ancillary ritual and functional structures, and the close relationship between the pagan sanctuary and an early Christian basilica built at the end of the fourth century AD. This article offers an integrated analysis of the Toumballos complex, combining a critical reading of the archaeological evidence with the historiographical debate developed over recent decades. Through the study of the hypogean architecture, the spatial organization of the sanctuary, and its parallels in the eastern Mediterranean, the paper argues for the interpretation of the site as a cult place of essentially chthonic and mystery character. Within this framework, the traditional attribution of the sanctuary to Apollo is reinterpreted in light of a subterranean and chthonic conception of the god, associated with initiation rituals, controlled sensory experiences, and possible oracular functions. Particular attention is devoted to the Late Antique phases of the complex, when the abandonment of pagan cults, the earthquakes of the fourth century AD, and the Christianization of the city led to the symbolic reappropriation of the space through the construction of an early Christian basilica. The reuse of hypogean structures and numerous architectural elements from the sanctuary highlights a symbolic continuity between pagan religious practices and Christian ritual, shedding light on the processes of memory and ressignification of sacred places in Late Antiquity. The study of Toumballos thus contributes to a broader understanding of the dynamics of transformation of sacred spaces in the eastern Mediterranean, emphasizing the role of architecture, ritual, and long-term continuity in shaping ancient religious landscapes.
Keywords: Nea Paphos; Toumballos; hypogean sanctuary; chthonic Apollo; mystery cults; Christianization; Late Antiquity.

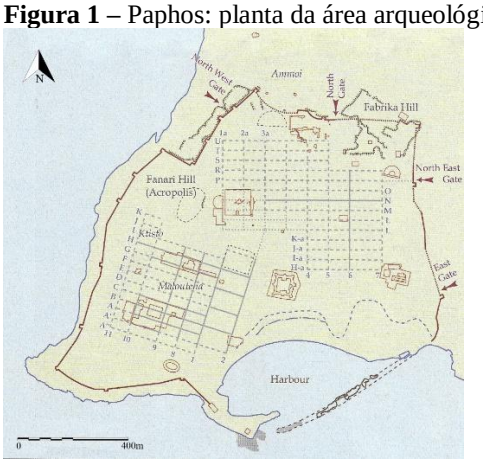
Resumen:
El santuario hipogeo de Toumballos, situado en el sector noroeste de Nea Paphos, constituye uno de los contextos arqueológicos más complejos y menos comprendidos del Chipre helenístico y romano. Excavado inicialmente en la década de 1950 según criterios no estratigráficos, el complejo permaneció durante décadas envuelto en incertidumbres interpretativas relativas a su cronología, función e identificación cultual. La reanudación de las investigaciones por la Misión Arqueológica de la Universidad de Catania, a partir de 1988, permitió una reevaluación sistemática del contexto topográfico, arquitectónico e histórico del sitio, sacando a la luz nuevos datos fundamentales, como el monumental dromos de acceso, estructuras anexas de carácter funcional y ritual, y la estrecha relación entre el santuario pagano y una basílica paleocristiana edificada a finales del siglo IV d. C. El presente artículo propone un análisis integrado del complejo de Toumballos, combinando la lectura crítica de la documentación arqueológica con la discusión historiográfica desarrollada en las últimas décadas. A partir del estudio de la

arquitectura hipogea, de la organización espacial del santuario y de sus paralelos en el Mediterráneo oriental, se defiende la interpretación del sitio como un espacio cultual de carácter esencialmente ctónico y mistérico. En este marco, la atribución tradicional del santuario a Apolo es reinterpretada a la luz de una concepción apolínea subterránea, asociada a rituales de iniciación, experiencias sensoriales controladas y posibles funciones oraculares. Se dedica especial atención a las fases tardoantiguas del complejo, cuando el abandono de los cultos paganos, los terremotos del siglo IV d. C. y la cristianización de la ciudad condujeron a la reapropiación simbólica del espacio mediante la construcción de una basílica paleocristiana. La reutilización de las estructuras hipogeas y de numerosos elementos arquitectónicos del santuario pone de manifiesto una continuidad simbólica entre las prácticas religiosas paganas y cristianas, revelando los mecanismos de resignificación de la memoria del lugar en la Antigüedad Tardía. El estudio de Toumballos contribuye así a una comprensión más amplia de las dinámicas de transformación de los espacios sagrados en el Mediterráneo oriental, destacando el papel de la arquitectura, el ritual y la larga duración en la construcción de los paisajes religiosos antiguos.
Palabras clave: Nea Paphos; Toumballos; santuario hipogeo; Apolo ctónico; cultos mistéricos; cristianización; Antigüedad Tardía.

A cidade de Nea Paphos ocupa um lugar de destaque na história urbana, política e religiosa de Chipre durante a idade helenística e romana (MŁYNARCZYK, 1990). Fundada no final do século IV a.C. e transformada, em poucos decênios, na capital administrativa da ilha sob os Lágidas, Nea Paphos desenvolveu-se como um grande centro portuário e cosmopolita do Mediterrâneo oriental. A complexidade de sua paisagem urbana reflete não apenas a longa duração da ocupação, mas também as profundas transformações políticas, econômicas e religiosas que marcaram a história da cidade entre o período helenístico e a Antiguidade Tardia.

No interior desse quadro, o setor noroeste da cidade antiga, tradicionalmente conhecido na literatura arqueológica como *Garrison's Camp* ou Toumballos (Fig. 1), constitui um dos contextos mais problemáticos e, ao mesmo tempo, mais sugestivos para o estudo das práticas cultuais e da organização do espaço sagrado em Nea Paphos. Trata-se de uma área marginal em relação aos grandes eixos monumentais da cidade, mas caracterizada pela presença de um vasto complexo hipogeu escavado na rocha, associado a um monumental dromos de acesso e, em fase posterior, a uma basílica paleocristã construída entre o final do século IV e o início do século V d.C.

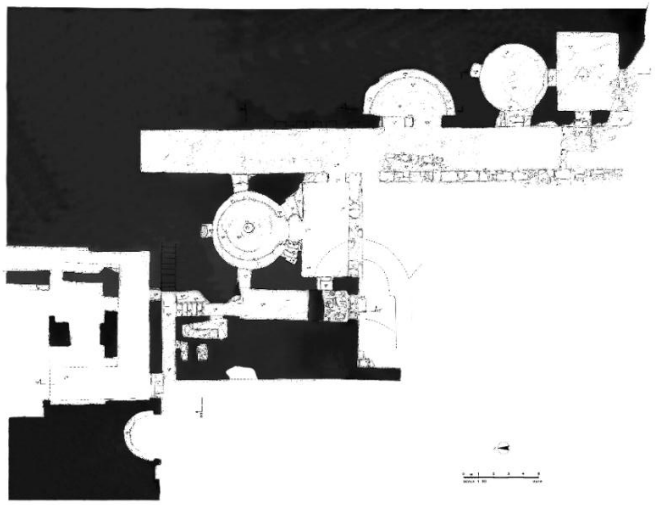
Figura 1 – Paphos: planta da área arqueológica



Fonte: Papuci-Władyka (2020).

O chamado santuário hipogeu de Toumballos foi trazido à luz pela primeira vez na década de 1950 por George Eliades, então Inspetor Honorário e Curador do Museu de Paphos (ELIADES, 1956, p. 14; ELIADES, 1957, p. 18). Essas escavações pioneiras, conduzidas segundo critérios hoje considerados inadequados do ponto de vista estratigráfico, tiveram como principal resultado o esvaziamento quase completo das câmaras subterrâneas (Fig. 2-3), privando a pesquisa de dados fundamentais relativos à cronologia, às fases de uso e às práticas rituais ali desenvolvidas. Como consequência, apesar de sua imponência arquitetônica e de sua localização estratégica junto às muralhas setentrionais da cidade, o complexo permaneceu por décadas envolto em incertezas interpretativas.

Figura 2 – Paphos, Garrison's Camp: santuário de Toumballos.



Fonte: Universidade de Catânia, Arquivo Ceramográfico.

Figura 3 – Santuário de Toumballos: câmaras subterrâneas.

Fonte: Universidade de Catânia, Arquivo Ceramográfico.

A partir de 1988, com o início das atividades da Missão Arqueológica da Universidade de Catânia, no âmbito de um acordo bilateral entre a República de Chipre e a República Italiana, o setor de Toumballos voltou ao centro do debate científico (GIUDICE 1992A, p. 91-103; GIUDICE 1992B, p. 205-250; GIUDICE 1992C, p. 153-156: GIUDICE 1993, p. 279-327). Diferentemente das investigações anteriores, a missão italiana optou por uma abordagem metodológica voltada não à reescavação das câmaras já conhecidas, mas ao estudo sistemático das áreas adjacentes ao santuário hipogeu. Essa estratégia permitiu recuperar informações cruciais sobre o contexto topográfico, arquitetônico e funcional do complexo, lançando nova luz sobre a natureza do santuário e sobre suas transformações ao longo do tempo.

1. Contexto topográfico e urbano do setor de Toumballos

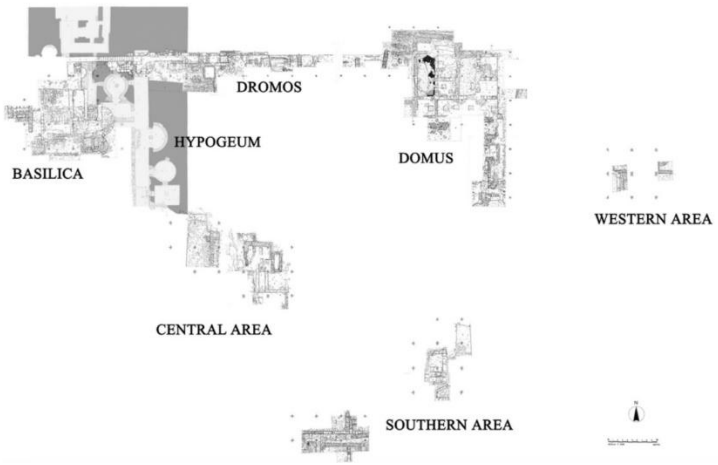
O setor de Toumballos localiza-se na porção noroeste de Nea Paphos, em uma área próxima às muralhas da cidade e não distante de uma das principais portas setentrionais. Essa posição periférica, frequentemente invocada como argumento interpretativo na historiografia, desempenhou um papel central nas tentativas de identificação funcional do complexo desde meados do século XX. Inicialmente, a proximidade com as fortificações levou alguns estudiosos a sugerirem que o conjunto de câmaras escavadas na rocha pudesse estar relacionado a instalações militares ou a um suposto acampamento de guarnição helenístico. Entretanto, uma análise mais detalhada da topografia urbana de Nea Paphos demonstra que a periferia da cidade não deve ser interpretada como um espaço marginal ou exclusivamente funcional. Ao contrário, as zonas próximas às muralhas frequentemente abrigavam instalações de caráter cultual, funerário ou ritual, especialmente quando associadas a divindades ctônias ou a práticas religiosas que exigiam um certo distanciamento dos setores mais densamente povoados da cidade. Nesse sentido, a localização do santuário de Toumballos não constitui, por si só, um argumento conclusivo em favor de uma função militar.

Do ponto de vista geomorfológico, a área é caracterizada por afloramentos rochosos calcários, facilmente escaváveis, que favoreceram a criação de estruturas hipogeias de grande complexidade. A escolha desse substrato natural permitiu o desenvolvimento de um santuário parcialmente subterrâneo, no qual corredores, escadarias, câmaras e nichos foram diretamente talhados no banco rochoso, reduzindo a necessidade de construções em elevação e conferindo ao conjunto um caráter fortemente integrado à paisagem natural.

As escavações conduzidas pela Missão Italiana (GIUDICE, GIUDICE, FUDULI, 2025, p. 313-322) revelaram ainda que o santuário não se encontrava isolado, mas inserido em um sistema articulado de espaços e percursos. O elemento mais impressionante desse sistema é o longo dromos de acesso (Fig. 4-5), orientado aproximadamente no sentido oeste–leste, com mais de 70 metros de comprimento. Esse corredor monumental, parcialmente escavado na rocha e

parcialmente delimitado por muros construídos em técnica poligonal, constituía um verdadeiro percurso ritual que conduzia progressivamente o fiel do espaço urbano externo ao interior sagrado e subterrâneo do santuário (G. GIUDICE 2011-2012, p. 775-779).

Figura 4 – Paphos, Garrison's Camp: planta geral da área de escavação.



Fonte: Universidade de Catânia, Arquivo Ceramográfico.

Figura 5 - Santuário de Toumballos, acesso ao dromos.

Fonte: Universidade de Catânia, Arquivo Ceramográfico.

A norte do dromos, em área situada imediatamente atrás das muralhas da cidade, as investigações arqueológicas identificaram vestígios de estruturas que podem ser interpretadas como estoas e, possivelmente, como um *xystos* – um pequeno estádio de treinamento. Essa

associação entre espaço cultual e áreas destinadas a atividades físicas ou processionais encontra paralelos em outros santuários do mundo helenístico e reforça a interpretação do complexo de Toumballos como um centro religioso multifuncional, dotado de uma organização espacial cuidadosamente planejada.

A transformação do setor de Toumballos ao longo da Antiguidade Tardia constitui outro aspecto fundamental de seu contexto urbano. A partir do final do século IV d.C., com a progressiva supressão dos cultos pagãos, a área foi parcialmente reocupada por um bairro residencial cristão, cujas construções se apoiaram, em muitos casos, sobre as estruturas preexistentes do santuário. A edificação de uma basílica paleocristã diretamente associada ao complexo hipogeu representa o ápice desse processo de reconfiguração do espaço, no qual a memória do antigo lugar de culto foi simultaneamente negada e incorporada à nova paisagem religiosa cristã.

2. História das escavações e problemas metodológicos

A compreensão do santuário hipogeu de Toumballos é profundamente condicionada pela história das investigações arqueológicas que nele se sucederam ao longo do século XX. Diferentemente de outros grandes complexos monumentais de Nea Paphos, o sítio foi objeto, em sua fase inicial de exploração, de intervenções que privilegiaram a liberação rápida das estruturas visíveis, em detrimento de uma documentação estratigráfica rigorosa. Essa circunstância explica, em grande medida, as dificuldades interpretativas que ainda hoje caracterizam o estudo do conjunto.

As primeiras escavações sistemáticas foram conduzidas no início da década de 1950 por George Eliades, Inspetor Honorário do Departamento de Antiguidades de Chipre e então Curador do Museu de Paphos. A intervenção de Eliades concentrou-se sobretudo no núcleo central do complexo hipogeu, constituído por câmaras escavadas na rocha e conectadas por corredores e escadarias. O objetivo principal dessas escavações parece ter sido o de tornar acessíveis os espaços subterrâneos e de documentar, ainda que de forma sumária, a sua disposição arquitetônica.

No entanto, a metodologia adotada – típica de uma fase ainda inicial da arqueologia cipriota – implicou o esvaziamento quase completo das câmaras, com a remoção de depósitos arqueológicos sem o registro adequado de suas relações estratigráficas. Materiais móveis, como cerâmicas, objetos votivos e elementos arquitetônicos, foram em grande parte retirados de seu contexto original, dificultando qualquer tentativa posterior de reconstrução das fases de uso e das práticas rituais associadas ao santuário. Como consequência, a cronologia do complexo passou a depender quase exclusivamente de análises tipológicas e de comparações indiretas.

Foi nesse contexto que Kyriakos Nikolaou, em seu estudo sobre a topografia de Nea Paphos,

propôs a interpretação do setor de Toumballos como um possível *garrison camp*, isto é, um acampamento de guarnição helenístico (NIKOLAOU, 1966, p. 587-588). A hipótese baseava-se essencialmente em dois argumentos: por um lado, a proximidade do complexo com as muralhas setentrionais da cidade e com uma das portas urbanas; por outro, a disposição aparentemente funcional das câmaras subterrâneas, interpretadas como possíveis alojamentos de soldados.

Nikolaou reforçou sua proposta com referências de caráter histórico, citando uma inscrição fragmentária que menciona tropas estacionadas em Nea Paphos durante o período ptolomaico, bem como discussões mais gerais sobre a presença de guarnições militares nas cidades do mundo helenístico. Segundo essa leitura, o complexo hipogeu teria sido utilizado como um santuário de acampamento (*camp sanctuary*), no qual se praticaria o culto de divindades de origem oriental, como Ísis ou Serápis, introduzidas em Chipre durante o período helenístico, ou ainda de divindades como Mitra, em época romana.

Essa interpretação, embora engenhosa, começou a ser questionada à medida que se desenvolveu uma análise mais aprofundada da arquitetura e da organização espacial do complexo. O ponto de inflexão nesse debate foi representado pelos estudos de Jolanta Młynarczyk, particularmente em sua obra *Nea Paphos III*. A partir de um exame detalhado da planta, das dimensões e da articulação interna das câmaras, a autora rejeitou de forma convincente a hipótese de um acampamento militar (MŁYNARCZYK, 1990, p. 226-232).

Segundo Młynarczyk, o complexo de Toumballos é excessivamente vasto, cuidadosamente planejado e arquitetonicamente elaborado para ser interpretado como um simples conjunto de instalações funcionais destinadas a tropas. A multiplicidade das câmaras, a presença de espaços de caráter monumental, como corredores longos e câmaras de planta central, bem como a complexidade do percurso interno, apontam antes para um uso ritual especializado. A localização periférica do santuário, longe dos bairros mais densamente povoados da cidade, longe de constituir um indício de função militar, seria, ao contrário, coerente com práticas cultuais de caráter ctônio e mistérico, frequentemente associadas a espaços liminares ou marginalizados no tecido urbano.

Nesse quadro interpretativo, o santuário de Toumballos passou a ser entendido como um lugar de culto profundamente enraizado em tradições religiosas que privilegiavam a experiência do subterrâneo, da obscuridade e da progressão ritual através de espaços fechados. A hipótese de um culto ligado a Apolo, já sugerida em função de paralelos regionais, foi reinterpretada à luz dessas considerações, admitindo-se a possibilidade de um Apolo de feição ctônia, associado a práticas iniciáticas e a rituais de mistério.

A retomada das investigações arqueológicas pelo lado italiano, a partir de 1988, marcou uma nova fase na história da pesquisa (GIUDICE, 2000a, p. 485-493). A Missão Arqueológica da

Universidade de Catânia, consciente das limitações impostas pelas escavações antigas, optou por uma estratégia metodológica prudente e inovadora. Em vez de intervir novamente nas câmaras hipogeias já exploradas, a missão concentrou seus esforços no estudo das áreas circundantes ao santuário, com o objetivo de reconstruir o contexto geral do complexo.

Essa abordagem permitiu identificar elementos fundamentais até então desconhecidos, como o monumental dromos de acesso ao santuário, estruturas anexas possivelmente relacionadas a atividades processionais ou agonísticas, e uma série de transformações ocorridas na Antiguidade Tardia, quando o espaço foi progressivamente cristianizado. Ao mesmo tempo, as escavações estratigráficas conduzidas nas áreas periféricas forneceram dados cronológicos mais seguros, contribuindo para a redefinição das fases de uso do complexo.

Em síntese, a história das escavações de Toumballos ilustra de forma exemplar os desafios metodológicos enfrentados pela arqueologia em contextos escavados precocemente. Ao mesmo tempo, demonstra como a integração crítica entre dados antigos, novas escavações e reflexão teórica pode conduzir a interpretações mais sólidas e articuladas, capazes de restituir, ainda que parcialmente, a complexidade histórica e religiosa de um sítio extraordinário como o santuário hipogeu de Toumballos.

3. Descrição arquitetônica do santuário hipogeu

O santuário hipogeu de Toumballos caracteriza-se por uma organização arquitetônica de notável complexidade, inteiramente condicionada pelo aproveitamento do banco rochoso calcário no qual foi escavado. A ausência quase total das estruturas em elevação – em grande parte destruídas, reutilizadas ou obliteradas por fases construtivas posteriores – impõe que a análise arquitetônica se concentre sobretudo nos espaços subterrâneos preservados e nos elementos talhados diretamente na rocha. Ainda assim, o conjunto revela uma concepção espacial sofisticada, dificilmente compatível com funções meramente utilitárias.

O elemento arquitetônico mais significativo do complexo é, sem dúvida, o longo dromos de acesso ao santuário. Orientado aproximadamente no sentido oeste–leste e com um comprimento escavado de cerca de 72 metros, o dromos constitui um verdadeiro eixo processional que conduzia progressivamente o fiel do espaço urbano exterior ao coração subterrâneo do santuário. A monumentalidade desse corredor, rara no contexto cipriota, sugere que o percurso em si fazia parte integrante da experiência ritual.

Do ponto de vista construtivo, o muro setentrional do dromos encontra-se preservado quase integralmente e apresenta uma técnica poligonal de grande qualidade, com blocos cuidadosamente aparelhados. O muro meridional, ao contrário, foi quase totalmente desmontado na Antiguidade Tardia, quando a área foi transformada em bairro residencial cristão; apenas dois blocos permanecem *in situ* junto ao início da escadaria de acesso às câmaras hipogeias (G.

GIUDICE, 2010, p. 439-440; G. GIUDICE, 2011-2012, p. 775-779). A assimetria atual do corredor é, portanto, o resultado de processos de espoliação e reutilização, e não de uma concepção arquitetônica original incompleta.

O término oriental do dromos coincide com uma escadaria ampla, talhada diretamente no afloramento rochoso, que desce em direção às câmaras hipogeias. Essa transição vertical marca simbolicamente a passagem do mundo dos vivos para um espaço subterrâneo, frequentemente associado, nas religiões do Mediterrâneo antigo, a divindades ctônias e a experiências iniciáticas. A escadaria principal introduz em um conjunto de ambientes de planta complexa, cuja articulação interna revela uma sequência cuidadosamente planejada. Inicialmente, o percurso roça um ambiente situado a norte, dividido em três naves, possivelmente destinado a funções preparatórias ou a reuniões de grupos restritos. A partir daí, a escada inflete para o sul, conduzindo, por meio de uma breve antecâmara, a uma ampla câmara abobadada.

Essa câmara central constitui um dos espaços mais monumentais do santuário. As paredes conservam vestígios claros de revestimento em estuque, indicando que o ambiente possuía originalmente um aparato decorativo significativo. Na parede norte abre-se um grande nicho, enquanto outras duas aberturas se dispõem nos lados sul e oeste. A abertura meridional conduz a um ambiente retangular, marcado internamente por dois nichos, um dos quais precedido por degraus, elemento que pode estar relacionado a práticas rituais específicas, como a deposição de oferendas ou a instalação de imagens cultuais.

A abertura ocidental da câmara central leva a um amplo corredor escavado na rocha, ao longo do qual se abrem três ambientes de planta distinta: um circular ao norte, um semicircular no centro e um quadrangular ao sul. A diversidade formal dessas câmaras sugere funções diferenciadas, possivelmente associadas a fases diversas de um ritual complexo. Em particular, a presença de uma câmara circular remete a paralelos conhecidos no Mediterrâneo oriental, onde espaços de planta central são frequentemente associados a rituais de caráter simbólico ou iniciático.

Atualmente separado do núcleo principal do santuário encontra-se o setor ocidental, no qual subsistem vestígios de ambientes cuja planta original é de difícil reconstituição. Entre esses, destaca-se uma abside inteiramente escavada na rocha na parede norte, elemento que reforça a impressão de uma arquitetura pensada para acolher ações rituais específicas. A fragmentação e a má conservação desse setor devem-se, em grande medida, às transformações sofridas pelo complexo durante a Antiguidade Tardia, bem como aos efeitos devastadores dos terremotos que atingiram Nea Paphos na segunda metade do século IV d.C.

A impossibilidade de identificar com precisão as partições internas e a eventual existência de estruturas de superfície representa um dos maiores obstáculos à compreensão global do santuário. Sabe-se, no entanto, que parte do peribolo da área sagrada foi igualmente talhada na rocha, delimitando um espaço cultual claramente definido no interior do tecido urbano. Os numerosos elementos arquitetônicos reutilizados como material de enchimento e preparação do terreno para a construção da basílica paleocristã indicam que o santuário possuía, em sua fase de apogeu, um aparato arquitetônico mais desenvolvido do que aquele que hoje se pode observar (GIUDICE & GIUDICE & GIUDICE G., 2021, p. 27-36).

A análise arquitetônica do santuário hipogeu de Toumballos coloca problemas tipológicos particularmente complexos. Apesar da existência de outros complexos subterrâneos em áreas próximas de Nea Paphos, não se conhecem paralelos diretos que permitam enquadrar o conjunto em uma tipologia bem definida. Comparações com o complexo hipogeu de Haghia Salomoni, frequentemente interpretado como uma tumba helenística posteriormente reutilizada como lugar de culto, mostram-se pouco convincentes, sobretudo em razão das diferenças substanciais na organização espacial.

Do mesmo modo, o confronto com o santuário de Apolo Hylates em Alonia tou Episkopou, embora sugestivo sob certos aspectos planimétricos, revela divergências significativas no que diz respeito à localização urbana e ao aparato decorativo. Os paralelos propostos por Młynarczyk – que incluem o *nekromanteion* do Épiro, o *Serapeion* de Alexandria e, para a câmara circular, a Rotunda de Arsinoe em Samotrácia – devem ser entendidos mais como referências conceituais do que como modelos arquitetônicos diretos (MŁYNARCZYK 1990, p. 229).

Em última análise, a singularidade da planta do santuário de Toumballos parece resultar de um processo de adaptação progressiva às exigências do culto ali praticado. A arquitetura não reflete a aplicação mecânica de modelos importados, mas antes uma reelaboração local de tradições arquitetônicas e religiosas do Mediterrâneo oriental, filtradas pelas especificidades topográficas e culturais de Nea Paphos.

Cronologia, fases de uso e interpretação do complexo de Toumballos

A definição da cronologia do santuário hipogeu de Toumballos enfrenta dificuldades significativas, sobretudo em razão da ausência de contextos estratigráficos primários no interior das câmaras subterrâneas, comprometidos pelas escavações realizadas na década de 1950. Ainda assim, a integração dos dados provenientes das áreas periféricas, a análise tipológica dos materiais móveis e a leitura das transformações arquitetônicas permitem delinear um quadro cronológico coerente, ainda que provisório.

A fundação do complexo deve ser situada, com grande probabilidade, em época helenística, entre os séculos III e II a.C., como indicam os conjuntos cerâmicos associados ao *dromos* e às fossas votivas. A concepção arquitetônica – marcada por um longo percurso de acesso, pela progressiva articulação dos espaços hipogeus e pela diversidade tipológica das câmaras – insere-se plenamente no contexto da arquitetura religiosa helenística do Mediterrâneo oriental. Nesse momento, o santuário apresentava um grau de monumentalização hoje apenas parcialmente perceptível, incluindo estruturas em elevação e um peribolo escavado na rocha que delimitava claramente a área sagrada (FUDULI 2015, p. 13-18).

Não há evidências de uma ruptura clara entre a fase helenística e o período romano. Ao contrário, tudo indica uma continuidade de uso ao longo dos primeiros séculos do Império, possivelmente acompanhada de adaptações funcionais e rituais. Essa permanência é compatível tanto com a longa vitalidade urbana e religiosa de Nea Paphos quanto com práticas amplamente documentadas de conservação e ressignificação de santuários helenísticos em época romana.

Uma transformação decisiva ocorre na segunda metade do século IV d.C., quando uma série de terremotos afetou profundamente Nea Paphos, provocando danos estruturais significativos ao complexo e favorecendo processos de espoliação. A esse contexto soma-se a mudança do quadro religioso, marcada pela progressiva proibição dos cultos pagãos. É nesse momento que se deve situar o abandono definitivo do santuário enquanto espaço de culto tradicional.

Entre o final do século IV e o início do século V d.C., a área foi reconfigurada com a construção de uma basílica paleocristã (Fig. 4 e 6) no interior do antigo peribolo. O edifício, de nave única (GIUDICE & GIUDICE, 2001, p. 143-164), com nartece e exonártex, reutiliza diretamente as estruturas hipogeias: a abside coincide com o muro ocidental de uma cripta escavada na rocha, na qual foi identificada uma provável bacia batismal. Essa solução evidencia uma estratégia consciente de cristianização de um espaço anteriormente associado a práticas rituais subterrâneas. Paralelamente, o setor do *dromos* foi ocupado por edificações residenciais que reaproveitaram as estruturas e os materiais antigos.

Figura 6 - Santuário de Toumballos, Basílica Paleocristã.

Fonte**:** Universidade de Catânia, Arquivo Ceramográfico.

A identificação do culto praticado no santuário permanece problemática. Na ausência de evidências epigráficas ou iconográficas, a hipótese mais consistente é a de um culto apolíneo, reinterpretado em chave ctônia e possivelmente mistérica. A forte presença de Apolo no panorama religioso cipriota, associada à localização periférica do complexo e à sua arquitetura hipogeia, sustenta essa interpretação. O percurso descendente e a sequência de ambientes fechados sugerem práticas rituais voltadas à separação do mundo cotidiano e à mediação com o divino, com possíveis afinidades conceituais com contextos oraculares e iniciáticos.

As propostas de atribuição a cultos orientais devem ser tratadas com cautela, pois o complexo não apresenta elementos arquitetônicos inequívocos que sustentem tal identificação. A figura de Apolo, em sua dimensão ambígua e subterrânea, mostra-se mais adequada para integrar as diversas características rituais do santuário em um contexto urbano marcado pelo sincretismo religioso.

A cristianização de Toumballos não representa apenas uma ruptura, mas um processo de reapropriação simbólica do espaço. O reaproveitamento das estruturas hipogeias, o uso sistemático de *spolia* e a instalação do batismo em um ambiente subterrâneo revelam uma continuidade de significados associados à morte e à regeneração. Nesse sentido, Toumballos constitui um exemplo expressivo de longa duração e de transformação da memória do lugar, refletindo as profundas mudanças religiosas e culturais que marcaram Nea Paphos entre a Antiguidade pagã e o período cristão.

Conclusões

O santuário hipogeu de Toumballos, em Nea Paphos, constitui um dos complexos arqueológicos mais singulares e, ao mesmo tempo, mais enigmáticos de Chipre. Sua arquitetura hipogeia, o monumental dromos de acesso, a articulação sofisticada dos espaços internos e a longa duração de seu uso fazem dele um caso exemplar para o estudo das práticas religiosas no Mediterrâneo oriental.

Apesar das limitações impostas pelas escavações antigas e pela perda de contextos estratigráficos fundamentais, a integração crítica dos dados disponíveis permite avançar algumas conclusões sólidas. O complexo deve ser interpretado como um santuário de caráter essencialmente religioso, profundamente marcado por práticas ctônias e mistéricas. A hipótese de um culto ligado a Apolo, reinterpretado em chave local e subterrânea, oferece o quadro explicativo mais coerente para compreender a organização arquitetônica e o simbolismo do espaço.

A construção da basílica paleocristã no interior da antiga área sagrada não representa uma ruptura absoluta, mas antes a culminação de um processo de ressignificação do lugar. A continuidade simbólica entre os rituais pagãos de iniciação e os sacramentos cristãos, materializada na reutilização das estruturas hipogeias, evidencia a complexidade das transformações religiosas na Antiguidade Tardia.

Em última análise, o estudo de Toumballos contribui de maneira decisiva para o debate sobre a relação entre arquitetura, ritual e memória no mundo antigo. O complexo demonstra como os espaços sagrados, longe de serem entidades estáticas, são constantemente redefinidos pelas comunidades que os habitam, refletindo mudanças profundas na maneira de conceber o divino, o corpo e a experiência religiosa.

Bibliografia

ELIADES, G., Paphos, **Annual Report of the Department of Antiquities**, Republic of Cyprus, 1956, p. 14.

ELIADES, G., Paphos, **Annual Report of the Department of Antiquities**, Republic of Cyprus, 1957 p. 18.

FUDULI, L. **Fragmenta Paphia. Elementi di decorazione architettonica da Garrison's Camp di Nea Paphos**. Catania: Ediarch, 2015.

GIUDICE. F. Campagne di scavo (1988-1990) nel'area di Garrison's Camp a Nea Paphos, in **Acta Cypria, 2. Acts of an international congress on Cypriote archaeology held in Göteborg on 22 - 24 August 1991**, 1992 1, p. 1-103.

GIUDICE, F., Paphos, Garrison's Camp. Campagna 1988, **Report of the Department of**

Antiquities, 1992 b, p. 205-250.

GIUDICE, F. Gli scavi del santuario di Apollo a Toumballos a Paphos (Cipro), **Siculorum Gymnanium**, 45, 1992 c, 45, p. 153-156.

GIUDICE, F. Paphos, Garrison's Camp Campagna 1989, **Report of the Department of Antiquities**, 1993, p. 279-327.

GIUDICE, F. & GIUDICE, G. La 'memoria' paleocristiana di Garrison's Camp a Nea Paphos (Cipro): recenti scavi e nuovi risultati », in R. FARIOLI CAMPANATI (ed.), **Le grandi isole del Mediterraneo orientale tra tarda antichità e medioevo, XLIV Corso di cultura sull'arte ravennate e bizantina : seminario internazionale di studi sul tema, Ravenna, 19-21 settembre 1998**, Ravenna 2001, p. 143-164.

GIUDICE, F. « Gli scavi della missione italiana nel "santuario di Apollo a Toumballos (cosidetto Garrison's Camp): i risultati e nuove ipotesi », in I. THEOCHARIDES (ed.), **Third International Congress of Cypriot Studies, Lefkosia, 16-20 April 1996**, Nicosia, 2000a, p. 485-493.

GIUDICE G., Saggi 1-6, Ceramica attica, **Report of the Department of Antiquities**, 2011-2012, p . 771-779, 782, 789.

GIUDICE, F., GIUDICE, E., GIUDICE, G. Garrison's Camp a Nea Paphos, Cipro. Dal grande santuario pagano del IV secolo a.C. agli edifici di culto cristiani e alla grandi *domus* tardoantiche. In: C. SFAMENI, I. BALDINI (ed.), **Abitare nel Mediterraneo tardoantico. Atti del III Convegno internazionale del Centro interuniversitario di studi sull'edilizia abitativa tardoantica nel Mediterraneo (CISEM) (Bologna 28-31 Ottobre 2019)**, Bari: Edipuglia 2021, p. 27-36.

MLYNARCZYK, J. **Nea Paphos III. Nea Paphos in the Hellenistic Period**. Warsawa: Wydawnictwa Geologiczne 1990.

NICOLAOU K. The Topography of Nea Paphos. In: M.-L. BERNHARD (ed.), **Mélanges offerts à Kl. Michalowski**, Warsawa: Editions Scientifiques de Pologne, 1966, p. 561-601.

PAPUCI-WŁADYKA, E. Paphos Agora Project (PAP): Its Aims, Stages of Development, Methodology and Chronology, in E. PAPUCI-WŁADYKA (ed.), **Interdisciplinary Research of the Jagiellonian University in Nea Paphos UNESCOWorld Heritage Site (2011–2015) – First Results, Paphos Agora Project 1**, Cracow 2020, p. 73-89.

Sobre os autores

Elvia Giudice
Ph.D pela Università di Perugia , Italia
CV: https://www.disum.unict.it/docenti/elviamarialetizia.giudice

Giada Giudice
Ph.D pela Università di Napoli , Italia
Vínculo institucional: Università di Catania, Italia
CV: https://lisa.gerda-henkel-stiftung.de/dott._giada_giudice

Leonardo Fuduli
Ph.D concluido, Università di Messina, Italia
Vínculo institucional: MAE-USP
Lattes: https://lattes.cnpq.br/5564001320838814

Declaração de autoria: Todos os autores participaram igualmente da concepção do artigo, da análise dos dados e da redação do texto final. Não há distinção hierárquica entre as autorias.

Como referenciar este artigo

GIUDICE, Elvia; GIUDICE, Giada; FUDULI, Leonardo. A arquitetura do santuário de Apolo em Toumballos, Nea Paphos. Análise dos dados e propostas de leitura. **Perspectivas & Diálogos:** Revista de história social e práticas de ensino. Caetité, v. 8, n. 16, p. 93-108, 2025.